

O ETNOCENTRISMO NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DOS FRANCISCANOS NO BRASIL DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI

*Rodrigo Alves Ribeiro**

SUMÁRIO

Analisa como se estrutura a produção historiográfica franciscana e seus ideais aculturadores católicos, revelando o quanto de etnocentrismo contém essa produção intelectual. Mostra, assim, o viés com que foram documentados os valores culturais ameríndios. Propõe, igualmente, que os historiadores dos franciscanos no Brasil colônia, antes de destacarem os fatos sociopolíticos e religiosos que influenciaram a atuação da Ordem em terras brasileiras, observem mais detidamente a forma de pensar desses religiosos.

Palavra-chaves: catolicismo, franciscanos, aculturação, ameríndios, etnocentrismo.

Nenhum ser humano – em especial aquele que relata sobre algo ou alguém – está isento de idéias tendenciosas. Isto ocorre, decerto, porque quem escreve ou pretende escrever, é um agente social e histórico que atua ativamente no meio sociocultural a que pertence e que portanto busca defendê-lo. Neste caso, os franciscanos não fugiram à regra quando – pelo menos modicamente – resolveram relatar seus atos ideológico-cristãos em toda sua história de vida no Brasil colonial. O que não se pode aceitar é que os conceitos de tendência etnocêntrica de um determinado grupo social – em particular dos franciscanos – venha a subjugar um outro – neste caso o ameríndio –, sem que o grupo subjogado perca o direito de ser ouvido, compreendido.

* Graduado em História pela Universidade de Pernambuco.

Diante da mencionada “regra”, será presente neste artigo a forma como os franciscanos da primeira metade do século XVI no Brasil narram suas impressões estritamente particulares quanto à forma de interpretar o índio sob seus valores culturais católicos e etnocêntricos.

Providos da Bula Papal *Romanus Pontifex*, que atribui ao Estado Português o direito e devido reconhecimento de explorar as terras descobertas e por descobrir, para expandir o catolicismo e fundar igrejas nas terras longínquas a Portugal, aportam ao Brasil os primeiros franciscanos. Religiosos estes, que na Armada de Cabral estavam presentes em um número total de oito que, para Venâncio Willeke, tinham destino às Índias Orientais. Mas, que inusitadamente – sob a providência divina – desembarcam às Índias Ocidentais: o Brasil.

Nas décadas do achamento, descoberta ou invasão do Brasil, surgiram descrições cada vez mais minuciosas das novas terras. (...) Elas iam sendo apropriadas pelo invasor através do conhecimento de seus rios e matas, povos, bichos e duendes. (...) Daí, a curiosidade se ascendeu, inteira, consideravelmente, no reino dos teólogos, que começaram a se chocar com algumas novas, impensáveis até então. (Ribeiro, 1999, 57)

E por sua vez, os teólogos franciscanos de distintas regiões da Europa, que convergiam para a cosmopolita Lisboa, e de lá distribuídos pelo mundo “descoberto” por Portugal, nutriam-se de conceitos e posições etnocêntricas. Venâncio Willeke expressa-se claramente quanto às idéias preconcebidas desses primeiros religiosos que ao Brasil aportavam, exclamando que em 1500, ou mais especificamente

aos 24 de abril, a armada cabralina entrou na Baía de Porto Seguro, (...) onde ficaram até dois dias e meio para tomarem contactos com os índios Tupiniquim. Neste primeiro encontro de representantes de duas raças, tiveram os nativos ensejo de apreciar (...) as mostras de luxo e nobreza como símbolos da autoridade e provas de uma cultura superior. (Willeke, 1974, p.20)

Entretanto, ao contrário do que foi exposto acima, nem um povo, sociedade seja ela qual for ou onde se origina e vive, não evolui de forma

igual; isto porque cada povo ou sociedade desenvolve-se da sua maneira específica, conforme suas necessidades e possibilidades de sobrevivência. Contudo, as impressões etnocêntricas, impregnadas na forma de agir dos estrangeiros que ao Brasil chegavam e se fixavam, tinham como princípio mostrar aos “selvagens” uma cultura “civilizada” e temente ao Deus único. Selvagens que apesar de suas “aberrações” culturais, viviam num paraíso terrestre. O paraíso na América que se mostrava provido de igualdade entre os homens, de leis socioculturais harmoniosas e da justiça inquestionável.

A harmonia paradisíaca terrena dos “bárbaros”, conforme acreditava Robert Southey, deixaria de existir quando a presença portuguesa na América fosse efetivada; a partir do instante em que os religiosos europeus passassem a pregar que os índios

careciam (...) de um rigoroso banho de líxívia em suas almas sujas de tanta abominação, por estarem mergulhados na antropofagia de comer seus inimigos em banquetes selvagens; na ruidade com que eram manipulados pelo demônio através de seus feiticeiros, na luxúria com que se amavam com a natureza de bichos; na preguiça de sua vida farta e inútil, descuidada de qualquer produção mercantil. (Ribeiro, 1999, p.57)

Para tanto, fizeram-se cruciais as intervenções religiosas.

O então cronista, Robert Southey, buscou fundamentar seus argumentos contra a colonização portuguesa, alicerçado nos seus conceitos estritamente particulares e dedutivistas, auxiliado por idéias de terceiros sobre aquilo que seria o Brasil, seu povo e política; que são (segundo ele) a conseqüência da *degeneração dos costumes, da religião e da moral, causada pela escravidão (...), miséria, fome, turbulências, crimes, doenças*. (Reis, 2000, p.23)

Robert Southey, essa personagem da nossa historiografia do século XIX, pode ter exagerado no que concerne às suas concepções pessimistas em relação ao processo colonizador português no Brasil, mas logo não deixou de acertar que o impacto entre diferentes valores culturais dos povos luso e ameríndio seria drástico; a ponto de os índios passarem a vestir roupas (quando antes não as vestiam) e não mais entenderem a importância do Toré (quando antes compreendiam). Relegando por sua vez, paulatina e progressivamente, suas convicções culturais.

Uma importante convicção cultural indígena que aos poucos esvaiu-se no ar e quase chegou à beira da extinção, é o animismo religioso, que teve que dá lugar às cerimônias do culto cristão, em nome do Deus “verdadeiro”;

embora ignorassem o profundo sentido das cerimônias sagradas (...), mas que ao menos teriam adivinhado que deveria tratar-se de coisa sublime e nunca antes apreciada. (Willeke, 1974, p.20)

Sob justificativas de sempre assistirem aos degredados portugueses, colonos, soldados e em especial de catequizar os silvícolas brasileiros, os franciscanos “ofereciam” a estes últimos

a água batismal, depois de bem instruídos na doutrina cristã e prontos para renunciar aos costumes e cultos incompatíveis com a nova religião. (Willeke, 1974, p.21)

Tudo em favor do martírio católico, catequizar era um árduo e santificador martírio, como da lendária história que relata as várias passagens de São Tomé e seus discípulos a pregar o catolicismo pelo mundo, que levaram os franciscanos (como outros religiosos) a não analisarem e discernirem que as suas instituições culturais não deveriam ser consideradas superiores às dos indígenas brasileiros; quando na verdade a dicotomia cultura superior/inferior não existia. O que existia e existe ainda, é que a cultura é produzida por cada sociedade, seja ela dos trópicos ou não, conforme suas necessidades sociomateriais e como subjetivamente interpretam sua realidade. Em suma, não podemos julgar os opostos por mais diferentes ou “exóticos” que possam ser, única e simplesmente porque não os compreendemos por serem demasiado diferentes das nossas convicções sociais tão “civilizadas”.

Os missionários franciscanos não discerniam, não atentavam à busca de compreender o diferente, tudo porque o diferente (o silvícola) é frágil; e por ser frágil não precisa ser compreendido, e sim, protegido e salvo. Entretanto, as idéias aculturadoras franciscanas geraram no decorrer de nosso processo colonizador contínuos conflitos étnicos, ao invés de uma verdadeira proteção desses religiosos – aos nativos – que suas missões aqui ministravam. “Proteção” que estava demasiado na mentalidade militar dos franciscanos, que por sua vez acreditavam ser justos em seus atos “santificadores”. Quanto a isso, discorre Frei Venâncio Willeke:

Os missionários viam os seus labores bem remunerados pelo êxito espiritual entre os silvícolas, era a proteção surtindo efeito, pois a fé chegada ao Brasil em 1500 começara a criar raízes nos corações dos indígenas. O primeiro núcleo cristão entre os índios da terra de Vera Cruz justificava as mais fagueiras esperanças. Apesar de que as forças do mal estavam agindo. Colonos gananciosos exploravam e oprimiam os ingênuos Tupiniquim e como a maldade desumana não conhecesse limites os índios trataram de vingar-se, marcando uma feira de Porto Seguro para exterminar toda colônia lusa, sem excetuarem os inocentes missionários. Pelo contrário, iriam encetar o morticínio justamente na Igreja de São Francisco, vestindo em seguida os hábitos dos protomártires e dirigindo-se para a feira onde dariam o sinal de ataque geral aos demais Tupiniquim armados e escondidos. (Willeke, 1974, p.23)

Daí, então, é fácil entendermos que o paraíso na terra, o Éden Português, representado por Camões em *Os Lusíadas*, deixou de ser o mundo dos sonhos a partir do instante em que o diferente (o índio) fora confrontado e suprimido pela “proteção” franciscana. Portanto, o lado inocente e pacífico dos nativos é quebrado por terem estes resistidos o quanto puderam aos anseios dos interventores religiosos do Estado Lusitano, que logo adquiriram para si o título de padres bondosos, de autênticos mártires.

Objetivando confirmar a concepção de que o catequizador é bom e o índio desertor, narrativas de religiosos como as de Pe. Anchieta, interpretadas por Willeke, enfatizam, tomando como exemplo ainda a suposta carnificina à feira de Porto Seguro, que os silvícolas

não satisfeitos com o massacre perpetrado na feira, (...) tentaram iludir um navio que passava perto de Porto Seguro. Pois os índios revestidos de hábitos franciscanos andaram pela praia, fingindo com os breviários nas mãos a recitação do divino ofício e esperando destarde aliciar a tripulação a fim de provocar outro morticínio. (Willeke, 1974, p.24)

Com este fato frisado, independentemente de ser verdadeiro ou

não, ou exagerado na narrativa, podemos, no entanto, perceber que o etnocentrismo é decerto concreto e causador de choques étnico-sociais. O etnocentrismo, expressão marcante nestas linhas de raciocínio, pode ser definido como a pura constatação de que o nosso grupo étnico, religioso, social, ..., é visto como um referencial perfeito; enquanto que os outros, os que nos parecem ser diferentes e opostos, são imperfeitos e por isso são julgados de acordo com os nossos valores.

Perguntar sobre o que é etnocentrismo é, pois, indagar sobre um fenómeno em que se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais e afetivos. (Rocha, 1986, p.7)

Everardo Guimarães Rocha sublinha tal definição, informando que os sentimentos e a forma de pensar dos indivíduos não são apenas a composição essencial do etnocentrismo marcantes em uma época definida do processo histórico das sociedades, mas também está presente nas mais simples ações de nosso cotidiano.

Cumprir observar, porém, que os franciscanos que no Brasil iniciaram suas atividades missionárias oficiais a partir de 1516, apesar de deixarem implícito em seus relatos que no Brasil começaram a atuar graças ao acaso, criaram muitas vezes idéias fantasiosas e estereotipadas sobre a América e seus povos. Conceitos que se consolidavam com grande força em decorrência dos movimentos ultramarinos que estavam a “descobrir” o estranho e surpreendente. E que entendiam que de imediato a América de gente selvagem residente nas entranhas das matas, tinha de ser assistida por santos homens da urbana e civilizada Lisboa; mas que em sua essência se trajavam “de um caráter ativista e colonizador com os mais diferentes empreendimentos de conquista e destruição de outros povos.” (Rocha, 1986, p.10)

O movimento ultramarino, da Europa do século XV, seria um marco inicial para a evolução da Antropologia que busca, além de outras coisas, interpretar os diferentes efeitos do etnocentrismo. Contudo, o século XV, século inicial das exacerbações etnocêntricas, *sinalizaria (...) o que o historiador francês Pierre Chaunu chamou de Desencravamento Planetário, a interligação dos espaços e populações do mundo numa escala até então inexistente.* (Vainfas, 1994, p.24)

Os franciscanos no Brasil, como os religiosos de outras Ordens,

foram regidos pelas necessidades da *Empresa Marítima Portuguesa*. Empresa esta, que ficou sendo vista por eles como a única capaz de ter realizado

o maior acontecimento depois da criação do mundo, excetuando a encarnação e morte de Jesus Cristo, que foi a descoberta das Índias. Portugal entrou de maneira decisiva nos planos salvíficos de Deus, que depois de diversas tentativas malsucedidas, lhe confiou a missão de estabelecer o seu reino neste mundo (...): o reino de Deus por Portugal. (Hoornaert, 1977, p.24)

Assim sendo e pensando, os religiosos franciscanos tinham que consolidar e aumentar os discípulos, os vassallos de Deus, coordenados pelo rei português mediante o discurso universalista desbravador das fronteiras e dos mares, como da Lenda de São Tomé. Lenda que reforçava a presença dos missionários no mundo, por pregar que além das Índias Orientais, o Brasil também detinha, encravadas em suas terras, as pegadas do apóstolo Tomé e seu discípulo. Os nativos tinham até em suas crenças religiosas, o citado profeta como referencial de vida, segundo acreditavam ou queriam acreditar um dos mais conhecidos religiosos do Brasil Colonial:

Eles têm memória do dilúvio... e dizem que São Tomé a quem chamam Zomé passou por aqui...
Têm alguma notícia do dilúvio, mas muito confusa, (...) contam a história de diversas maneiras. Também lhes ficou dos antigos, notícias de dois homens que andaram entre eles, um bom e outro mau, ao bom chamam Sumé, que deve ser o apóstolo Tomé, e este dizem que lhes fazia boas obras, mas não se lembram em particular de nada. Em algumas partes se acham pegadas de homens impressas em pedras... Estas é possível que fossem deste santo apóstolo e algum seu discípulo. (Hoornaert, 1977, p.26)

A Lenda de São Tomé, o Reino de Deus criado na terra por Portugal e o “acaso” que propiciou a chegada dos franciscanos ao Brasil, contidas em obras de estudiosos da história da Igreja na América Portuguesa e dos franciscanos em particular, como as do Frei Venâncio Willeke, tem como suporte político e ideológico o Padroado Régio

Português e o discurso doutrinário católico que, para terem efeito satisfatório, precisariam atingir todas as nações e todos os homens em particular. Tendo isto como objetivo central para o sucesso colonial português no país pau-brasa, o cronista franciscano do século XVII, Frei de Santa Maria Jaboatão estruturará seus discursos missionários em favor do

aumento da religião cristã (Discurso Universalista); da pregação do evangelho (Discurso Doutrinário); da salvação das almas (Discurso Soteriológico) e da redução dos índios (Discurso Guerreiro e Redutivo). (Hoomaert, 1977, p.26).

Quanto a este último fragmento, o discurso guerreiro, os franciscanos passam a exercê-lo por via do evangelho doutrinador capaz de conquistar fiéis sem nenhuma resistência áspera destes. É o que nos tenta informar Willeke em várias passagens de sua *Missões Franciscanas no Brasil (1500-1975)*. Simples visão eufemista deste religioso de São Francisco que, por seu turno se baseia, quase que predominante, nos relatos interpretativos dos jesuítas. Um exemplo romântico dessa visão da pregação evangelizadora pacífica é uma declaração de Pe. Anchieta quando da missão franciscana e logo depois jesuíta, em Mbyaçá, em Santa Catarina, no ano de 1537. Portanto, diz Anchieta:

Os (...) índios nos pediam que os doutrinásemos nas coisas da nossa santa fé católica; (...) desejavam muito ser cristãos e havendo tão boa disposição, (...) da parte dos índios como por haver intérpretes com quem efetuar o desejo, ensinamos a muitos deles o que lhes era necessário para receberem o batismo. (Willeke, 1974, p.27)

Os índios estavam profundamente imersos no primitivismo técnico-cultural, pregavam geralmente os religiosos, e por isso, tinham que ser assistidos para que qualquer expressão de idolatria, barbárie e de manifestações culturais “aberradoras”, se comparado com as das regidas pela “verdadeira” fé cristã, fossem extirpadas de suas vidas. Forma de pensar arbitrária que ultrapassou os longos séculos de nossa história, gerando desrespeitos, conflitos e extermínios de comunidades indígenas por todo o País.

Dentro desta perspectiva de raciocínio, podemos perceber que o batizar, o evangelizar e o salvar expressam com transparência que o

discurso à cerca da evangelização no Brasil não coloca a questão da legitimidade da ordem estabelecida pela ordem colonial no Brasil, e por isso (...) participa da agressividade deste mesmo projeto. (...) É como o sistema era estruturalmente agressivo diante de indígenas e africanos, o discurso evangelizador não conseguiu escapar à agressividade (...). A terminologia evangelizadora passou a ser justificativa da opressão e escravização de indígenas e africanos. (Hoornaert, 1977, p.26).

As narrativas, a historiografia dos franciscanos nutrida de seus aspectos etnocêntricos, viam-se alicerçadas pelos argumentos de que dedicaram suas vidas em meio aos obstáculos das selvas e sertões brasileiros, com o único intento de salvar os nativos da perdição pagã dos trópicos. Portanto, a historiografia franciscana trafega por sobre o caminho da história do Brasil impregnada de ações heróicas realizadas por “santos” homens. Que, no entanto, o verdadeiro teor de sua historiografia acaba escapando de nossas mãos, ou melhor, de nossa capacidade de viver na íntegra, em tempo real, uma época remota da vida colonial brasileira.

A produção historiográfica franciscana, além de cair nos braços das narrativas heróicas, mostra-se produzida, de acordo com as impressões particulares de religiosos como Nóbrega e Anchieta. Nomes presentes neste artigo.

Venâncio Willeke chega a externar que a historiografia franciscana no Brasil foi bem melhor constituída por religiosos da Ordem Jesuíta. Um exemplo disso está na essência de um trecho extraído do final do primeiro capítulo de Willeke contido em *Missões Franciscanas no Brasil (1500/1975)*, onde sublinha:

Encerrando este capítulo, afirmamos com razão que os missionários aqui tratados escreveram sua história na areia. Fala, porém, em seu favor o repetido testemunho inequívoco dos jesuítas que com sinceros elogios mencionam a catequese de seus precursores franciscanos. (Willeke, 1974, p.31).

Diante disso, deparamo-nos com uma questão crucial para o historiador, que é a de encontrar a melhor forma de interpretar os fatos relatados em documentos que nos ajudem a julgar a subjetividade influenciada pela realidade dos homens que primeiro escreveram ou deixaram que escrevessem a nossa história. O franciscanismo brasileiro relegou o *escrito que fixasse para o futuro a benemerência de sua atividade*. (Rodrigues, 1979, p. 297).

De qualquer forma, o franciscanismo no Brasil não pode ser interpretado, taxado de inferior e menos importante que a presença jesuíta por conta de os franciscanos entenderem que os seus atos missionários e aculturadores serviram, e só foram importantes, ao momento presente em que atuaram e não para um provável futuro (o hoje), que não chegariam a vivê-lo. É por isso que documentar não era tão importante para eles. No entanto, devem os historiadores que estudam os franciscanos no Brasil colônia deixar cair por sobre as suas cabeças a melhor forma de interpretá-los, que é a de inicialmente observar-se a sua forma de pensar antes mesmo de destacar-se quais os fatos sócio-político-religiosos que os influenciaram na sua forma de agir no decorrer dos séculos de nossa história colonial.

É fato que há uma baixa produção documental realizada pelos filhos de São Francisco. Mas independentemente dessa baixa produtividade, o pouco que temos de informações sobre os franciscanos e da sua maneira de pensar, é possível percebermos que as impressões etnocêntricas e os princípios aculturadores do universalismo católico que pregavam, é uma marca presente nos poucos relatos por eles realizados ou ainda pelos então denominados metódicos jesuítas. Que em nome de Deus, sabemos que não só em nome dEle, promoveram a degradação cultural e o extermínio de milhões de ameríndios brasileiros que nunca tiveram o direito de dizer: também somos civilizados! Mas quem sabe se assim não exclamaram audivelmente em Tupi-Guarani, e por isso mesmo não foram ouvidos?

BIBLIOGRAFIA

FREYRE, Gilberto. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Ed., 1959. Série Marajoara, 23.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira-I.A Época Colonial*. 7.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993. Tomo 1.

HOORNAERT, Eduardo. *História Geral da Igreja na América Latina* (História da Igreja no Brasil). Petrópolis: Vozes, 1977. Tomo 2.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Vanhagen a F.H.C.* 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ROCHA, Everardo Guimarães. *O que é Etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. 1ª. Parte (Historiografia Colonial). São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1979.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. Utopia e Alteridade. *Ciência Hoje – 500 Anos do Tratado de Tordesilhas (1594-1994)*, v.18, n.101, jul. 1994.

WILLEKE, Frei Venâncio – O.F.M. *Missões Franciscanas no Brasil (1500/1975)*. Petrópolis: Vozes, 1974

ABSTRACT

The ethnocentrism in the historiographical production of the franciscans in Brazil at the first moiety of XVI century.

Analyses how is the structural historiographical production of Franciscans and its Catholics acculturate ideal, revealing as the ethnocentrism contains this intellectual production. Displays, thus, obliquity with which were make the documents containing the Amerindians cultural values. Proposes, equally, that the historians of the franciscanes in Brazil Colony, before enphasing the facts social-politics and religious that influenced the performance of the order at Brazilian lands, pay attention to the way of thinking of these religious.

Key words: Catholics, franciscans, aculturation

RÉSUMÉ

L'ethnocentrisme dans la production historiographique des Franciscains au Brésil dans la première moitié du XVIe siècle.

L'auteur analyse la structure de la production historiographique franciscaine et ses idées d'acculturation catholiques, révélant l'ampleur d'ethnocentrisme contenue dans cette production intellectuelle. Il montre ainsi le biais par

lequel furent documentées les valeurs culturelles amériennes. Il propose également que les historiens des Franciscains du Brésil colonial, avant de détacher les faits sociopolitiques qui influencèrent l'action de l'Ordre en terres brésiliennes, observent nettement la manière de penser de ces religieux.

Mots-clés: catholicisme, Franciscains, acculturation, Amériens, ethnocentrisme.